

ARTE E COTIDIANO NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO SABER-FAZER TERAPIA OCUPACIONAL: APONTAMENTOS CRÍTICOS AO CONTEXTO NEOLIBERAL

Art and daily life in the teaching and learning processes of occupational therapy practice:
critical notes on the neoliberal context

Arte y vida cotidiana en los procesos de enseñanza y aprendizaje de la práctica de terapia
ocupacional: apuntes críticos sobre el contexto neoliberal

Luana Marçon

<https://orcid.org/0000-0003-1299-2679>

Centro Universitário FMABC (Faculdade de Medicina do ABC), Santo André, SP, Brasil e UNICAMP Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Lara Carolina Ribeiro Vilanova

<https://orcid.org/0000-0003-1955-6669>

Centro Universitário FMABC (Faculdade de Medicina do ABC), Curso de Terapia Ocupacional, Santo André, SP, Brasil.

Resumo: Objetivo: Buscamos discutir a experiência docente no percurso formativo de terapeutas ocupacionais a partir da disciplina Atividades e Recursos Terapêuticos Cotidianos e sua interface com a Arte no contexto do neoliberalismo. **Síntese dos elementos do estudo:** O estudo apresenta a disciplina descrita e a noção de experiência como fundamental para os processos de ensino e aprendizagem, bem como a agência entre Arte e Cotidiano para a formação crítica e imaginativa. **Conclusão:** Concluímos que tais conceitos, de forma teórica e prática, podem contribuir para uma formação menos calcada na noção de desempenho ocupacional nos processos de saber-fazer Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Arte. Cotidiano. Formação. Neoliberalismo.

Abstract: Objective: We aim to discuss the teaching experience in the training journey of occupational therapists through the course Daily Therapeutic Activities and Resources, and its interface with Art in the context of neoliberalism. **Summary of study elements:** The study presents the described course and the notion of experience as fundamental to the teaching and learning processes, as well as integrating Art and Daily Life for critical and imaginative training. **Conclusion:** We conclude that these theoretical and practical concepts can foster training less focused on occupational performance during the processes of knowing and doing Occupational Therapy.

Keywords: Occupational Therapy. Art. Daily Life. Education. Neoliberalism.

Resumen: Objetivo: Buscamos discutir la experiencia docente en el recorrido formativo de los terapeutas ocupacionales a partir de la asignatura Actividades y Recursos Terapéuticos Cotidianos y su interfaz con el Arte en el contexto del neoliberalismo. **Síntesis de los elementos del estudio:** El estudio presenta la asignatura descrita y la noción de experiencia como fundamental para los procesos de enseñanza y aprendizaje, así como la integración entre el Arte y la Vida Cotidiana para una formación crítica e imaginativa. **Conclusión:** Concluimos que tales conceptos teóricos y prácticos pueden contribuir a una formación menos centrada en la noción de desempeño ocupacional en los procesos de saber-hacer en Terapia Ocupacional.

Palabras clave: Terapia Ocupacional. Arte. Vida Cotidiana. Capacitación. Neoliberalismo.

Como citar:

Marcon, L., Villanova, L. C. R. (2025). Arte e cotidiano nos processos de ensino e aprendizagem do saber-fazer terapia ocupacional: apontamentos críticos ao contexto neoliberal. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1): 3209 – 3219. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto65030

Introdução

Este ensaio nasce da experiência docente na disciplina de Atividades e Recursos Terapêuticos: Cotidiano Narrativas e Vínculos (ART – Cotidiano, Narrativas e Vínculos). Buscamos discutir este momento do percurso formativo de terapeutas ocupacionais a partir de dois distintos eixos, eleitos a partir do nosso processo reflexivo como docentes e das problemáticas que envolvem a formação de terapeutas ocupacionais na atualidade.

Antes, é importante contar que tomamos a noção de experiência tal como proposta por Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21), que faz detalhamento etiológico da palavra e ressalta: “Experiência é o que nos passa, o que nos acontece”, portanto, o que nos afeta. Nas experiências que conhecemos, produzimos o que, para o autor, configura um saber “encarnado”, “uma forma singular de estar no mundo”. Na modernidade, as experiências não são devidamente capturadas, devido a falta de tempo, excesso de informação e pouco espaço para criação:

[...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. [...] A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar nenhum vestígio (Bondía, 2002, p. 23).

Nessa perspectiva, a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto quase impossível nos tempos correntes; requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar mais devagar, parar para sentir, demorar nos detalhes, suspender a opinião, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, aprender a lentidão, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Como também pontua Joan Scott, “O que conta como experiência não é autoevidente nem direto; é sempre contação e, portanto, sempre político, trazer a experiência acontecerá não com projetos de transmissão do conhecimento vindos da experiência, mas sim, na análise de produção desse conhecimento” (Scott, 1998, pp. 324-325).

Nessa esteira, o texto que aqui segue se debruça sobre nossa própria experiência docente produzida de modo relacional com alunas, alunos e instituição e sobre as invenções possíveis quando a temática Arte e Cotidiano comparece nos processos formativos, cada vez mais rígidos, métricos, calculáveis e digitalizados.

Para tanto, organizamos a escrita deste ensaio em três partes.

Na primeira, busca-se enunciar o contexto neoliberal em que vivemos e como tal cenário gera mudanças profundas no processo de formação, principalmente no que se refere a uma noção de subjetividade meritocrática e empresarial, que vai modular a relação entre docentes-alunas(os)-instituição e influenciar formas de pensar a Terapia Ocupacional em relação ao que imaginamos como cuidado, clínica e uma variabilidade de intervenções.

Em um segundo momento, abordamos o entrelaçamento entre Arte e Cotidiano no percurso formativo de terapeutas ocupacionais na disciplina descrita e como tais conceitos podem comparecer de forma conjunta para pensar uma Terapia Ocupacional menos contaminada por uma noção de desempenho ocupacional e mais crítica, imaginativa e emancipatória.

Na sequência, transcrevemos cenas do processo formativo, pensando na produção de itinerários do cotidiano e a proposição de atividades artísticas no processo de saber-fazer Terapia Ocupacional. Por último, apresentamos nossas considerações finais.

Neoliberalismo como modo de vida e a Terapia Ocupacional

Nos últimos anos, ampliou-se os estudos e as discussões acerca do neoliberalismo em campos como Saúde, Educação, Economia, História, Ciências Sociais, entre outros. Parte destas reflexões buscam explicitar como a temática do neoliberalismo não se restringe ao âmbito da macroeconomia, mas se apresenta nos mais variados territórios da vida cotidiana, produzindo formas de estar no mundo, de se relacionar com o outro e consigo mesmo, e imprimindo registros na subjetividade de todas(os) nós.

Se no campo macropolítico o neoliberalismo propaga a desregulamentação econômica, a restrição do papel do Estado sobre os sistemas de garantia de direitos e o esvaziamento das Políticas Públicas – sendo muitas vezes localizado como uma prática de governo que corrobora com as crises democráticas – (Brown, 2019), faz-se necessário discutir como a racionalidade neoliberal produz determinados diagramas de subjetividade, que apontam na direção da maximização do desempenho individual, no qual o sujeito é compreendido como sua própria empresa sob a exacerbação das relações de concorrência e competição.

(...) a racionalidade neoliberal é produtiva, formadora do mundo: ela coloca sob um viés econômico cada esfera e empenho humano e substitui um modelo de sociedade baseada num contrato social produtor de justiça por uma sociedade baseada e organizada como mercados, com Estados orientados pelas necessidades do mercado (Brown, 2019, p. 20).

Tais questões não se mostram triviais no contexto da formação de terapeutas ocupacionais, elas atravessam o modo de funcionamento das instituições, a relação entre professoras e alunas, assim como uma série de expectativas envolvendo as práticas profissionais com diferentes populações.

Na Terapia Ocupacional, esta problemática vem sendo debatida na perspectiva das teorizações ofertadas por Bezerra (2011), ao ressaltar o caráter de desconstrução do Estado brasileiro a partir da ideologia neoliberal e seu impacto nas práticas do terapeuta ocupacional, especialmente pela precarização das relações de trabalho, pela transformação de demandas sociais em demandas individuais e pelo formato da própria formação e produção científica na área.

No contexto específico da docência, é possível dizer que, se por um lado a incidência de práticas cada vez mais reguladas e conteudistas são exigidas como premissas para nossa atividade profissional, por outro, tal exigência alia-se ao esvaziamento das discussões políticas em torno das práticas do terapeuta ocupacional, corroborando com as hipóteses de que o neoliberalismo suscita uma aversão à política.

Também não podemos deixar de notar a flexibilização dos regimes de contratação docente no contexto acadêmico, cenário aprofundado durante a pandemia de Covid-19, inclusive com a abertura de graduações online. Isso amplia ainda mais o alcance radicalmente extenso que o neoliberalismo tem do

privado, fomentando uma desconfiança da política e um repúdio do social, que, juntos, normalizam a desigualdade e destroem a democracia (Brown, 2019).

Em paralelo, deparamo-nos com as demandas advindas de alunas(os), que muitas vezes chegam ao processo de formação relacionando a Terapia Ocupacional e sua atuação com uma determinada patologia e com a expectativa da aprendizagem de aplicação de protocolos específicos. Para nós, tais questões não estão separadas da faceta de mercantilização da profissão, da incidência do setor privado sobre a Terapia Ocupacional e de um projeto que nos distancia das Políticas Públicas.

Tais problemáticas não se referem a questões individuais ou a uma dimensão culpabilizante, elas explicitam formas de subjetivação presentes no contexto que buscamos delinear acima, principalmente na noção de que o sujeito é sua própria empresa, como propagado na racionalidade neoliberal.

O sujeito empresa é um sujeito de certezas, não de dúvidas. Mobiliza-se no cotidiano uma aceleração do tempo em que não sobram espaços psíquicos para o fantasiar e o pensar em alternativas outras para a organização, seja do convívio com ou outro, seja dos próprios espaços comuns da cidade (Ambrósio, 2019, p. 60-61).

Diante de tal realidade, é importante também discutir a inserção, as condições e a organização do trabalho dos profissionais que atuam em locais que oferecem cuidados, criando um ambiente em que as funções do terapeuta ocupacional só respondem a processos normativos e comportamentais de cuidado, cerceando a capacidade reflexiva e a multiplicidade das práticas que envolvem a profissão.

Tal postura coaduna com o que Nascimento (1990) já nos alertava ao problematizar a posição da Terapia Ocupacional, quando esta se coloca como uma aplicadora de atividades, sem considerar o contexto político e institucional das populações atendidas.

O uso de atividade é pensado e ensinado pelos terapeutas ocupacionais tendo por base os objetivos propostos para esse uso. Tanto é assim que os cursos dedicam boa parte de seu tempo para ensinar os alunos a realizar e analisar atividades nos seus vários aspectos. O problema está no fato de que o alcance e o significado real desse uso para as populações assistidas é determinado, na prática, pelas condições concretas das instituições que as assistem e pelas suas finalidades sociais implícitas (Nascimento, 1990, p. 18).

A atuação dos profissionais e as condições sob as quais são contratados, bem como a realidade das populações a que atendem, devem ser conjugadas nos processos de ensino e aprendizagem e problematizar a lógica que insiste em fixar nossas práticas como apolíticas.

Em se tratando da lógica neoliberal, compreendemos que o cuidado, o trabalhador e os processos de formação sofrem as consequências e devem ser analisados de forma localizada e contingente, fazendo menção a nossa experiência no presente.

Por isso, seguimos esta discussão fazendo um entrelaçamento entre os conceitos de Cotidiano e Arte, tanto pela dimensão intensamente política da entrada da noção de Cotidiano na Terapia Ocupacional quanto pelos deslocamentos e processos de subjetivação possíveis por meio do fazer artístico, compreendendo essa composição como uma possibilidade de resistência a uma Terapia Ocupacional neoliberal.

Arte e Cotidiano: uma costura possível na formação de terapeutas ocupacionais

As temáticas Arte e Cotidiano já se apresentam como constitutivas do processo de formação de terapeutas ocupacionais e, em alguns momentos, se esbarram como balizas do próprio núcleo profissional. Sem nenhuma pretensão de esgotar tais questões, focamos em explicitar algumas possibilidades de agenciamento entre Arte e Cotidiano na formação.

O conceito de Cotidiano começa a ser utilizado na Terapia Ocupacional na década de 1990, em diálogo com a necessidade de afirmar uma posição sócio-histórica da profissão e pautado na crítica à noção de Atividades de Vida Diária (AVDs) e Atividades de Vida Prática (AVPs), principalmente pelo viés positivista de tais termos e seu uso indiscriminado e descontextualizado (Galheigo, 2003).

Usando como referência autoras(es) como Àgnes Heller e Henry Lefebvre, o uso do conceito não está separado da crítica a determinadas instituições em que o terapeuta ocupacional poderia atuar, como Hospitais Psiquiátricos e a antiga Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (FEBEM). Ele também se insere em um momento de redemocratização do país, aliando-se a questionamentos quanto às noções caritativas na atuação com o público em vulnerabilidade e à necessidade de fomentar Políticas Públicas para tais questões.

O conceito de Cotidiano é uma convocatória à atuação do terapeuta ocupacional na tessitura da vida em sua multiplicidade. Os estudos sobre o Cotidiano se deslocam das grandes retóricas históricas, para deter seu olhar no simples e comum da vida de homens e mulheres (Galheigo, 2020). Na visão de Galheigo (2020) e outras(os) pesquisadoras(es), as cenas do dia a dia servem de testemunho de um espaço-tempo moldado pela cultura, pelas histórias de vida e pelas relações sociais.

No cotidiano é possível acessar a experiência, o real, o imaginário, a memória, os sonhos, os sentimentos, as necessidades e os afetos. A leitura do cotidiano permite ainda conhecer os modos de pensar, agir e sentir de sujeitos e coletivos; as representações que fazem de suas experiências em meio à ideologia hegemônica que cria instituídos e resulta na instrumentalização da vida diária. Cotidiano, portanto, é experiência e saber (Galheigo, 2020, p. 7).

Na construção de narrativas sobre o cotidiano, a abertura de espaços que possibilitem reflexões e experiências do criativo (por meio do corpo e das práticas corporais) mobiliza acessos a novos modos de composição de ensino-aprendizagem. Portanto, experiências na formação constroem novos olhares que provocam, transformam e articulam conhecimentos e saberes.

O ambiente universitário incita a competição e o individualismo, reproduzindo a lógica produtivista e corporativista que orienta nossos modos de pensar e agir na contemporaneidade, tema já problematizado aqui anteriormente. A formação, assim, expressa sobre os processos de subjetivação decorrentes das experiências complexas que agregam a dimensão dos afetos e das sensibilidades (Lieberman et al., 2017).

Ler, estudar, olhar, interpretar, descrever, narrar, escutar, escrever e posicionar-se diante das ideias apreendidas são atividades que, apesar de presentes no cotidiano do trabalho intelectual, cada vez mais vêm sendo desencorajadas ao longo do processo de formação, seja no âmbito da graduação ou da pós-graduação.

A arte e o corpo nos processos formativos visam fomentar o diálogo, a pesquisa e a formação, compreendendo as Artes como instrumentos fomentadores de cuidado. A Aprendizagem Inventiva,

definida por Kastrup (2010) como um processo de criação, pode ocorrer quando nos encontramos com algo que nos surpreende, provocando estranhamento e nos forçando a pensar. Tal reflexão nos leva novamente a entender a formação também como uma possibilidade de expressão das subjetividades.

O terapeuta ocupacional tem seu repertório formativo e inventivo; a inserção nesse campo transdisciplinar amplia esse olhar, “promovendo resultados efetivos e sensíveis com foco na vida e na atividade humana” (Silva, 2019). Nessa perspectiva, compreensões e experiências no campo das artes possibilitam formação, expressões, caminhos e perspectivas que se inspiram em um compromisso ético-político-cultural com a coletividade. Sobre a Terapia Ocupacional como campo de saber, Lima (2019, p. 107) afirma:

[...] entre as várias ciências humanas aplicadas, que desenvolvem práticas no campo da saúde, educação e esfera social, a terapia ocupacional constrói sua forma própria de atuação e de pensamento a partir de uma paisagem singular que a caracteriza. O terapeuta ocupacional habita os ambientes da vida ativa e age com as pessoas e situações problemáticas que se apresentam a ele no interior desses ambientes; ele faz coisas junto com os outros, age em composição com pessoas e coletivos que acompanha. Sua paisagem é a vida ativa; sua ferramenta, as diferentes atividades que a compõem.

As abordagens corporais, as danças e as artes de modo geral têm servido e mobilizado terapeutas ocupacionais em sua prática profissional, tornando-se importantes ferramentas em suas ações em diferentes contextos e problemáticas (Lieberman et al., 2018). Desse modo, produzir encontros com as linguagens artísticas constrói caminhos expressivos para processos de aprendizado que acontecem por meio das experiências e afirma possibilidades inventivas e criativas.

O trabalho nos territórios sociais possibilita a cultura da diferença, favorecendo mudanças nos cotidianos relacionais. Silva *et al.* (2016) apontam que é necessário potencializar os encontros do cotidiano das práticas, fazendo com que as experiências se tornem coletivas. Assim, para a Terapia Ocupacional, trabalhar o corpo, a dança e as artes podem contribuir com a produção de mais vida em cotidianos marcados por desigualdades e processos de adoecimento.

Cenas entre Arte e Cotidiano e o saber-fazer Terapia Ocupacional

Para melhor situar nossa análise, é importante descrever que, enquanto conteúdo programático, a disciplina ART - Cotidiano, Narrativas e Vínculos é resultado da conexão entre duas disciplinas, sendo uma delas ART Cotidiano e a outra Narrativas e Vínculos.

A conexão das duas disciplinas em 2023 teve como principais objetivos: a compreensão do termo Cotidiano e seus usos na Terapia Ocupacional; a relação das atividades humanas e do processo criativo com o cotidiano e a cultura na função de integração social no mundo contemporâneo; e a reflexão sobre a importância dos processos criativos e a experiência estética e sensível para a produção de vida na prática terapêutica ocupacional, ressaltando aspectos como hábito, rotina e cotidiano de forma crítica.

O percurso da disciplina passa por leitura e escrita e laboratórios de experimentações e vivências, facilitados pelo que chamamos de ateliê do cotidiano, proporcionando reflexões com foco na produção de narrativas e itinerários do cotidiano, bem como a produção de intervenções artísticas a serem elaboradas e propostas pelas(os) alunas(os).

Aqui, ressaltamos dois momentos da disciplina:

1. Denominado "Narrativas e Vínculos", são realizadas atividades em grupos. Propondo, inicialmente, as narrativas de si, reconstruindo e olhando para a própria história, e, depois, ver a si no ato de cuidar, trabalhando questões como encontro, afeto, acolhimento, vínculo e escuta. Na realização das experiências, o grupo de alunas(os) tem o objetivo de realizar atividades coletivas e elaborar a narrativa do grupo costurada com suas próprias histórias, valorizando composições e processos criativos a partir de diferentes linguagens artísticas (vídeos, teatro, dança, fotografias, poesia).
2. É realizado um percurso histórico sobre as diferentes abordagens do cotidiano na Terapia Ocupacional. Em grupo, realizamos o ateliê do cotidiano, que objetiva a produção de itinerários do cotidiano das(os) próprias(os) alunas(os) e de pessoas em vulnerabilidade. Esse exercício também fomenta a reflexão e a prática de intervenções artísticas no cotidiano, considerando o espaço coletivo em que todas(os) estão inseridas(os), ou seja, a Universidade e seus arredores.

Tendo como premissa tanto o aprofundamento do conceito de Cotidiano quanto a experimentação prática de discentes no contexto coletivo, usamos como instrumento a construção de portfólios que as(os) alunas(os) devem elaborar no decorrer da disciplina, devendo conter as reflexões acerca de textos discutidos durante a aula e os registros de atividades, por meio de escrita, desenhos, diários e fotografias.

Em umas dessas experiências, inspiradas pela relação com a costura de Maria de Lourdes Feriotti (Cardinali et.al, 2020), propusemos que elas(es) trouxessem retalhos que representassem as narrativas que estavam elaborando. Cada turma tinha por objetivo produzir uma costura comum entre os retalhos representativos de suas histórias. As(os) presentes contavam o motivo de escolha do retalho e, na sequência, começavam a atividade coletiva de costura.

Durante esse processo, que coincidiu com o mês da Luta Antimanicomial, uma das turmas produziu um estandarte e o levou ao ato da Luta Antimanicomial. Tal atividade nasce da experiência relacional, da interferência política de ser o mês da Luta Antimanicomial e do trabalho coletivo, premissas estas que, para nós docentes, são necessárias nos processos de ensino e aprendizagem e na produção de formas de relação com a Terapia Ocupacional que não estejam atomizadas ou restritas a um *a priori* hegemônico.

Além disso, vale destacar duas intervenções disparadas pelo processo da disciplina. Uma delas foi realizada no ambulatório da universidade, a partir de uma perspectiva crítica dos regimes de espera que existem na maioria dos serviços ambulatoriais e da noção de Cotidiano e Arte. Nos momentos práticos da disciplina, desenvolvemos propostas de ações nas salas de espera. Sua aplicação resultou na produção de um mural dos desejos, a ser preenchido por pacientes e acompanhantes aguardando atendimento, e em uma escuta ativa de suas narrativas, que se desdobravam para além das queixas tradicionais de saúde e doença.

A segunda intervenção foi realizada junto à volumosa população em situação de rua que vive no entorno da faculdade. Caminhando nesse território, atentas(os) ao regime de invisibilidade que atinge quem nele vive, experimentamos uma abertura para o compartilhamento dos distintos afetos que nos atingem ao nos relacionarmos com essa população específica. Nas aulas práticas, debruçadas(os) sobre aquele distinto cotidiano, foram produzidos cadernos para o registro de memórias, durante os momentos práticos da disciplina.

É preciso ainda ressaltar a experiência de sensibilização que pode emergir de tais encontros, como quando, ao ouvirmos a narrativa de um homem em situação de rua, ele nos mostra como foi ofensivo quando uma pessoa quis comprar seu cachorro, que sempre o acompanha, questionando as(os) estudantes sobre a percepção que as pessoas tem sobre quem vive na rua, de que, por conta de sua realidade, venderiam qualquer coisa por algum dinheiro, completando que seu cachorro não tem preço. Compreendemos tais experiências como fundamentais para pensar formas de saber-fazer uma Terapia Ocupacional aberta aos acontecimentos do viver, que suporte riscos e incertezas.



Figura 1: Produção de Cadernos.

Fonte: arquivo pessoal das autoras.

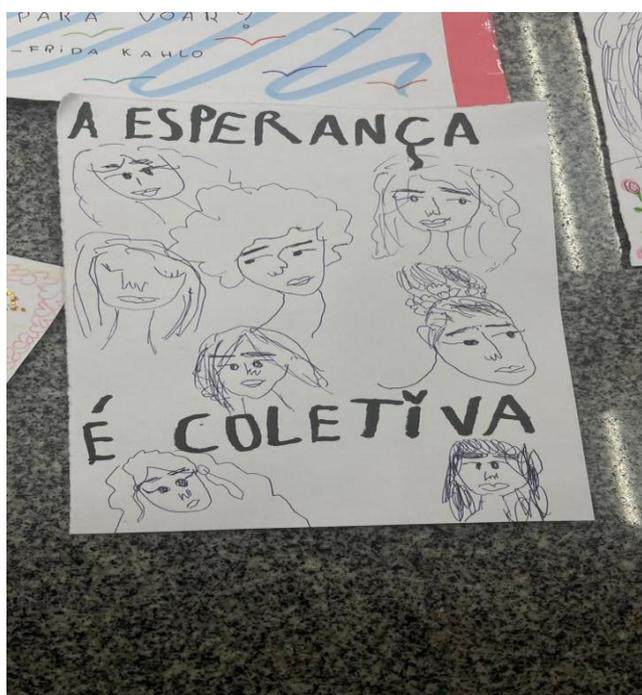


Figura 2: Ateliê do Cotidiano.

Fonte: arquivo pessoal das autoras.



Figura 3: Costuras e retalhos de narrativas.

Fonte: arquivo pessoal das autoras.

Conclusão

Por fim, concluímos que os processos de fragmentação, ainda muito presentes no contexto da formação acadêmica, apresentam-se como barreiras na articulação entre teoria e prática e fomentam a ideia de uma Terapia Ocupacional tecnicista e pouco aberta aos processos imaginativos da vida, que podem surgir a partir da experiência, na relação com si mesmo e com o coletivo.

Traçar costuras entre as temáticas Arte e Cotidiano vem se colocando para nós como um modo de resistência, tanto a uma Terapia Ocupacional focada prioritariamente nas noções de desempenho e performance ocupacional quanto na rigidez individualista do contexto neoliberal.

Este contar de nossa experiência também se coloca como um contraponto de que a atividade docente deve responder apenas a determinados conteúdos programáticos e a replicação de técnicas específicas. Ainda assim, não adotamos uma perspectiva binária de que conteúdos programáticos devem ser abolidos. Em outro sentido, banharmo-nos com a beleza dos processos formativos, quando nossa escuta nos permite acessar reflexões das(os) alunas(os), que resgatam desde as vivências de sua infância em uma comunidade rural marcada pela falta de acesso a recursos como educação básica.

Esse movimento permite a desnaturalização da ideia de que a escassez de informações sobre as histórias familiares não passam pelas desigualdades, ainda tão presentes de Norte a Sul do nosso país. Ou ainda torna possível resgatar uma relação de afeto com algum familiar que já experimentou (ou experimenta) a rua como moradia.

Por último, insistir na dimensão ética, estética e política da docência em Terapia Ocupacional nos lança tanto às limitações quanto às potencialidades do nosso lugar, colocando este espaço como um cenário de constante reformulação, informado pelos desafios do presente, que nos coloca na disputa sobre temas como cuidado, saber e fazer Terapia Ocupacional.

Referências

- Ambrósio, A. (2019). Desapropriar-se do EU. M. Rago & M. Pelegrini (orgs.), *Neoliberalismo feminismo e contracondutas perspectivas foucaultianas* (pp. 51-64). Entre gêneros.
- Bezerra, W. C. (2011). O estado brasileiro e o ataque do neoliberalismo. Algumas reflexões sobre a Terapia Ocupacional. *Cadernos da Terapia Ocupacional da UFSCAR*, 19(2), 239-248.
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.
- Brown, W. (2019). O Frankenstein do neoliberalismo: liberdade autoritária nas “democracias” do século XXI. Em M. Rago & M. Pelegrini (orgs.), *Neoliberalismo feminismo e contracondutas perspectivas foucaultianas* (pp. 17-49). Entre gêneros.
- Cardinalli, I. Feriotti, M.L. Silva, C.R. (2020). Intencionalidade, método e aventura: uma trajetória a caminho da complexidade e transdisciplinariedade na terapia ocupacional. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro*. 2020.
- Galheigo, S. M (2003). O cotidiano na terapia ocupacional: Cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 14(3), 104-109.
- Galheigo, S. M. (2020). Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 5-25. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>
- Kastrup, V. (2010). Experiência estética para uma Aprendizagem Inventiva: notas sobre acessibilidade de pessoas cegas a museus. *Informática na Educação: Teoria e Prática*, 13(2), 38-45.
- Liberian, F., Lima, E. M. F. de A., Maximino, V. S., & Carvalho, Y. M. de. (2017). Práticas corporais e artísticas: aprendizagem inventiva e cuidado de si. *Fractal: Revista de Psicologia*, 29(2), 118-126.
- Liberian, F., Mecca, R. C., & Carneiro, F. S. (2018). Arte, corpo e terapia ocupacional: experimentações inventivas. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 2(1), 9-14.
- Lima, M. A. (2019). Perspectiva ético-estético-política para as atividades em terapia ocupacional. Em C. R. Silva (org.), *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências* (pp. 97-127). Hucitec.
- Nascimento, A.B. (1990). O mito da Atividade Terapêutica. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo* 17-21
- Scott, J. W. (1998). A invisibilidade da Experiência. *Projeto História*, 16. <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183>
- Silva, C. R. (org.). (2019). *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. Hucitec.
- SILVA, et.al. Arte e Cultura Para A Promoção Dos Direitos Humanos Junto a usuários de Saúde Mental. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.8, n.20, p.204-218, 2016.

Contribuição dos autores: L. M.: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. L. C. R. V.: Coleta dos dados, análise dos dados, revisão do texto.

Recebido em: 30/07/2024

Aceito em: 06/12/2024

Publicado em: 12/03/2025

Editor(a): Juliana Araújo Silva